

# ÉTICA E "MUNDO PSI"

---

Vincenzo Di Matteo\*

## Introdução

Nosso objetivo é tentar estabelecer um diálogo entre o saber "phi" e o saber "psi", articular os dois discursos no que eles têm de provocante e construtivo em torno do problema ético.

O desafio maior decorre do fato de que não estamos diante de dois discursos homogêneos ou de dois mundos apenas. Defrontamo-nos com um pluralismo de discursos éticos e de saberes "psi", o que torna difícil definir adequadamente os dois mundos, o da ética e o do espaço "psi". Mesmo assim, tentaremos identificar as respostas que o saber "psi" dá à problemática da ética, bem como os desafios que uma concepção ética lança às teorias, às técnicas e às práticas "psi".

Mas o que entendemos por Ética e mundo "psi"? Não gostaria de partir de uma definição acadêmica. Prefiro uma abordagem mais ampla, um caminho mais longo que passa pela contextualização histórica das várias concepções éticas e das várias abordagens "psi". Isso nos permitirá, espero, um diálogo mais polifônico, mais

---

\* Vincenzo Di Matteo é Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

pluralista, mais complexo e mais próximo da realidade histórica.

## 1. A Ética e suas vicissitudes no Ocidente

### 1.1 – A ética e sua polissemia. (30)

A palavra Ética remete a duas raízes etimológicas da língua grega de onde veio, o que já por si só revela a riqueza e a complexidade de sua conceituação.

O primeiro termo, “ethos” com “épsilon”, significa aquisição de hábitos, formação de atitudes, esforço humano de colocar as rédeas da lei a uma conduta humana caprichosa, imprevisível, selvagem, por ter perdido, o animal humano, a força imperiosa dos instintos.

Somos animais inacabados. Nascemos prematuros, sem equipamentos para enfrentarmos os riscos da vida e do mundo. Os instintos, que nos costuravam ao tecido do universo, se enfraqueceram. A Lei que rege o macro e microcosmo, das constelações aos átomos, perdeu seu domínio absoluto sobre o homem e ele foi obrigado a se dar uma segunda natureza.

A segunda palavra, “ethos” com “eta”, significa morada. Mas o que significará dizer que o ethos é a morada do homem, como afirma um famoso fragmento de Heráclito? O que se esconde por trás dessa metáfora?

A casa nos protege do mundo de fora, seja ele o da natureza com suas intempéries ou da sociedade com suas possíveis agressões. É, também, o lugar onde as

necessidades humanas básicas podem ser satisfeitas: repouso, nutrição, higiene, procriação. A morada é o lugar da identidade pessoal e social. Quem não tem um endereço certo é considerado um “estranho”, um “marginal”, um inimigo potencial, um alguém que não tem lugar física e simbolicamente numa comunidade onde ele se movimenta anonimamente e com a marca da rejeição social. Enfim, a casa é lugar e a expressão de um espaço próprio, exclusivo, privativo, que possibilita a emergência do espaço interior de nossa subjetividade.

A casa é, portanto, o lugar da identidade social e da identidade pessoal, a ponte que permite a cada um de nós ser ao mesmo tempo indivíduo, mas com os outros, ser singular (eu) e ser plural (nós).

### 1.2 – Do ethos à Ética

Estas foram as primeiras intuições do homem grego consignadas nas palavras que designam a experiência de um ser que, abandonando o útero da ‘physis’, recria o útero simbólico do ethos para continuar sua humanização.

Aos poucos, passando pela mediação do mito, do discurso sapiencial e da literatura, a reflexão sobre o ethos torna-se cada vez mais crítica e mais tematizada com o florescimento da democracia no séc. V a.C. O ethos, a tradição, não pode mais ser a norma que orienta a conduta humana, busca-se outro fundamento, o do “logos”. A razão demonstrativa será utilizada tanto para explicar o reino da Necessidade (a physis), como o da Liberdade (a ética).

Sócrates será o iniciador da Ética Ocidental. Não se limitará como os Sofistas a questionar as morais vigentes. Busca, além das convenções sociais, um fundamento mais sólido e universal para a conduta humana e encontra-o na própria natureza racional e espiritual do homem, na alma, na "psyché".

A crença, porém, de que a razão humana pudesse fundamentar uma Ética universal não foi uma crença pacífica. A interpretação relativista e convencionalista dos Sofistas acompanhará e questionará sistematicamente todas as interpretações históricas posteriores. Hegemônica, graças à tradição socrática-platônica-aristotélica e cristã, a concepção universalista da Ética encontrará seus grandes fiadores no Cosmo, na Natureza Humana e Deus.

### 1.3 – A Ética na modernidade. (28)

Os ventos do Renascimento e da Modernidade abalaram a longa hegemonia da Ética cristã na Idade Média. O homem moderno recupera a confiança na razão humana. "Sapere aude", diz para si mesmo. Guiado pela luz da razão, sem mais o auxílio da fé, acredita poder estender o seu domínio tanto ao mundo físico como ao mundo moral.

Os fundamentos desta moral laicizada vão ser a Natureza (Rousseau), a Natureza corporal do homem (Enciclopedistas) ou a Racionalidade (Kant).

Apesar de divergências internas, os modernos ainda admitem uma dimensão universalista da moral.

Existiria um núcleo de normas que seriam válidas para todos e para sempre.

Até aqui nada de totalmente novo, que, de alguma maneira, não remetesse às primeiras interpretações gregas do fenômeno moral. O que chama atenção é a marca registrada do individualismo. Dá-se um adeus definitivo às éticas de inspiração comunitária. Reivindicase o direito à própria felicidade e auto-realização pessoal (hedonismo e eudaimonia). Arvora-se o direito de julgar sua comunidade. Proclama-se árbitro solitário do bem e do mal.

Estas são, nas grandes linhas, as características principais da ética na modernidade. Hoje, para onde sopra o vento da história? Quais os destinos da Ética?

### 1.4 – A Ética na crise da modernidade

No limiar deste novo tempo, que está sendo chamado de pós-modernidade, as crenças éticas da ilustração se desmancham no ar. As antigas e modernas construções teóricas sobre o fenômeno moral parecem explodir em mil fragmentos de verdade: nihilismo, voluntarismo, hedonismo, ascetismo, conformismo, anarquismo, relativismo, particularismo.

Não acredita-se mais na existência de uma Ética universal, nem na possibilidade de fundar racionalmente ou objetivamente a escolha moral, menos ainda de poder construir uma moral a partir de descentramento do indivíduo com relação à comunidade.

Vive-se uma cisão entre Ética e Cultura. Pela primeira vez na história dos homens presenciamos uma civilização verdadeiramente planetária, mas sem um ethos universal. (31)

A crise, portanto, que estamos vivendo no Brasil não é circunstancial, é também de ordem cultural. Apesar de vivermos uma espécie de Ética do desencanto e da impotência, o movimento pela Ética na política, a indignação que progressivamente vai se apoderando das consciências diante da corrupção política generalizada são sinais de esperança.

Esta rápida caminhada pelos destinos da reflexão Ética no Ocidente espero que seja suficiente para compreender a dificuldade de uma definição única e consensual. O que podemos concluir provisoriamente é que, apesar de um certo nihilismo ou agnosticismo ético, também o homem pós-moderno clama por mais Ética para colocar limites ao egoísmo possessivo de indivíduos e de povos que inviabiliza nossa convivência humana.

Se a Ética, hoje, apesar de sua crise de natureza teórica e prática, ainda não morreu, qual o espaço que ocupa no discurso e na prática "psi"?

Antes de respondermos a esta questão é necessário nos colocarmos uma outra pergunta: o que vem a ser o espaço "psi"?

## 2. As aventuras e desventuras do mundo "psi"

O rótulo "psi" foi o único meio encontrado para agrupar artificialmente um conjunto de teorias, técnicas e

práticas terapêuticas, as quais se articulam em torno de uma realidade não muito bem definida que é chamada de psíquica. Sobre ela se debruçam especialmente a psicologia e a psicanálise, duas ciências que tentam desvelar os mistérios do psiquismo humano (Consciência e Inconsciente). O outro "psi", o de psiquiatria, habitualmente associado aos outros dois já mencionados, não será objeto de considerações na presente exposição para não complicar ainda mais o nosso tema. Tanto o termo psicologia como psicanálise, no singular, não consegue expressar a riqueza, variedade, complexidade e até divergências de abordagens metodológicas e teóricas existentes não apenas entre elas, mas também dentro de cada subconjunto "psi". Estamos mais diante de uma dispersão do que uma unidade dos saberes "psi". Talvez uma rápida referência ao contexto histórico do nascimento da psicologia e psicanálise, bem como à história delas, apenas centenária, nos possa ajudar a compreender melhor a realidade que se esconde atrás da letra "psi" da palavra grega psyché.

### 2.1 – O nascimento do mundo "psi" e seu contexto cultural

Psicologia e Psicanálise são praticamente coetâneas e filhas de um mesmo "zeitgeist" e da mesma tradição cultural de língua alemã.

A tradição empirista inglesa, o positivismo, as idéias evolucionistas de Darwin, bem como as pesquisas na área da fisiologia e neurofisiologia dominam o

panorama científico da segunda metade do séc. XIX. O paradigma científico é o da física e da química.

É neste contexto que é fundada na Alemanha a "Sociedade Física de Berlim", a famosa Escola de Helmholtz, à qual pertence E. Bruck, um dos fundadores e futuro professor de Freud na universidade de Viena. A tese que se defende e que se torna uma espécie de credo científico da época é que todos os fenômenos superiores da vida humana podem ser reduzidos a uma explicação físico-química. Não é de estranhar, portanto, que a psicologia e a psicanálise prefiram desenvolver respectivamente uma espécie de química mental e uma "psico-análise" e, ambas, se considerem mais Ciências da Natureza do que Ciências Humanas.

Nascidas deste mesmo contexto cultural e tendo por objeto o mesmo campo de investigação, a "mente" humana, Psicologia e Psicanálise seguem cada uma seu próprio caminho (método), guiadas, porém pela mesma crença de que o mundo da mente obedece a determinismos que, aos poucos, podem ser descobertos, tornando futuramente as duas ciências tão rigorosas quanto a Física e a Química.

## 2.2 – O desenvolvimento da Psicologia

Em Leipzig, Wundt e seus primeiros colaboradores pesquisam os conteúdos elementares da mente humana e as leis que os regulam (Estruturalismo).

Os psicólogos americanos, já pelo fim do século passado, defendem uma nova maneira de fazer psicologia,

mais prática e mais voltada para o estudo dos processos mentais (Funcionalismo).

Entre a primeira e segunda década deste século, todas estas tentativas de compreender a mente humana são abandonadas como não científicas e a investigação psicológica, mesmo conservando o nome de psicologia, se torna quase que exclusivamente o estudo científico do comportamento humano e animal (Behaviorismo).

Por volta da mesma época, na Alemanha, alguns psicólogos contestam as teorias psicológicas do Estruturalismo, por estas não conseguirem explicar o fenômeno "phi" do movimento aparente (Gestalt).

A psicologia que se dizia científica não tinha nem 50 anos e já havia se fragmentado em várias "Escolas". Era um escândalo para os próprios psicólogos.

Apesar das divergências teóricas e metodológicas entre uma Escola e outra e até dentro de uma mesma Escola, a Psicologia foi sobrevivendo. Uma tendência mais eclética toma o lugar do sectarismo inicial. Os psicólogos renunciam à criação de teorias amplas e abrangentes para se deter na explicação de áreas específicas, tais como a aprendizagem, motivação, percepção, personalidade, etc.

Após a segunda guerra mundial, sob a influência da filosofia existencialista e como reação à hegemonia behaviorista, surge nos Estados Unidos a chamada psicologia humanista ou psicologia existencial, tentando se contrapor ao Behaviorismo e à Psicanálise.

Atualmente a psicologia behaviorista parece ter se tornado hegemônica, especialmente no contexto

americano, mas tem que conviver com uma heterogeneidade de abordagens teóricas e metodológicas bastante diferentes e que reivindicam também para si o estatuto de cientificidade. As fronteiras da psicologia científica são cada vez mais difíceis de serem delimitadas, e quem não está muito familiarizado com o mundo da psicologia pode ter a impressão de que os psicólogos e suas práticas se situam a meio caminho entre o milagre de Pentecostes e a confusão das línguas de Babel.

### 2.3 – A história do movimento psicanalítico

Os destinos da psicanálise não foram muito diferentes. No começo do século, um grupo de médicos vienenses se reúne nas quartas-feiras para aprender psicanálise com Freud. Aos poucos vai se criando um certo reconhecimento das teorias psicanalíticas e não tarda o reconhecimento internacional. Na medida, porém, que se atenuam as resistências à psicanálise entre o público leigo, aumentam as resistências internas. Aos poucos, vários psicanalistas abandonam Freud. As baixas mais pesadas talvez tenham sido a de Adler e a de Jung. No ano de 1914 Freud sente a necessidade de escrever a história do movimento psicanalítico para defender a sua paternidade da psicanálise e diferenciá-la de outras práticas.

Adler e Jung não foram os únicos a abandonar Freud. Parece que o destino do começo marca a psicanálise numa espécie de compulsão à repetição. Hoje, no país da psicanálise, se falam vários dialetos, o que certamente revela a vitalidade do movimento psicanalítico

mas que, ao mesmo tempo, abala a crença freudiana de que um dia a psicanálise seria uma Ciência da Natureza, tão rigorosa quanto a Física e a Química.

Estas rápidas colocações históricas nos pareceram necessárias para os que não estão familiarizados com a Psicologia e a Psicanálise. Desta maneira foi possível perceber melhor, pelo menos espero, a variedade e complexidade de abordagem do psíquico humano e de suas várias manifestações.

Voltemos, agora, à pergunta específica dirigida ao mundo "psi": existe um lugar para a ética?

### 3. A Ética no espaço "psi"

#### 3.1 – Ausência e presença

A primeira resposta é não, pelo simples motivo que tanto Psicologia quanto Psicanálise, por se considerarem ciências, se preocupam com o mundo dos fenômenos e não com o mundo do dever ser. Preferem lidar com "fatos" e não com valores. A ética, enquanto reflexão meramente especulativa, não faz parte das preocupações dos cientistas, enquanto cientistas.

Evidentemente isto não quer dizer que falte aos psicólogos e aos psicanalistas uma vivência moral e até um certo discurso articulado sobre o tema da ética, como por exemplo o "Seminário VII" de Lacan sobre Psicanálise (20), sem falar da obra clássica de Freud, "O mal-estar na civilização". (12)

Diria até que hoje não existe mais a crença de que o cientista produz uma ciência pura e a preocupação com os riscos ideológicos subjacentes às suas práticas e até às suas teorias está se tornando cada vez mais freqüente.

Nestes últimos anos, aqui no Brasil, o discurso ético se tornou até abundante. Fala-se e escreve-se bastante sobre Ética nas Revistas de Psicologia e de Psicanálise, mas isso não é mera decorrência dos ventos moralistas ou éticos que estão soprando no Brasil nestes dois últimos anos.

A preocupação com a ética no mundo "psi" é anterior aos últimos acontecimentos políticos que levaram ao impeachment. Entre os psicólogos brasileiros a reflexão ética foi desencadeada pelos Conselhos da categoria por ocasião da revisão e atualização do Código de Ética do Psicólogo, o qual entrou em vigor a partir de 27 de agosto de 1987.

Entre os psicanalistas, a publicação em português em 1988 do livro de Lacan sobre Ética da Psicanálise estimulou uma série de reflexões sobre algumas indagações perturbadoras. Repetir com Freud que a Psicanálise não é uma Weltanschauung quer isto dizer que ela não possui uma ética? E se possui, que Ética é esta? O que traz de novo?

No espaço "psi", portanto, circula há tempo um discurso ético que não vem necessariamente de fora. Na maioria das vezes é filho de profissionais "psi" que não renunciaram à crítica e à utopia.

### 3.2 – Os principais temas dos discursos éticos

Mas o que nos diz este discurso? Sobre que realidade ele nos fala? Quais suas preocupações? Que outras condutas ele aponta?

Os vários discursos éticos geralmente giram em torno dos seguintes temas ou problemas: relação terapeuta-cliente, formação, atividade profissional, instituições, práticas terapêuticas e até sobre técnicas e teorias.

Fundamentalmente o que mais angustia é a forte suspeita de que o saber e o fazer "psi" não estão acima de qualquer suspeita ideológica. Não adianta se esconder atrás de racionalizações, repetir, por exemplo, o antigo discurso de que a Psicologia e a Psicanálise, enquanto ciências, não possuem uma ética, nem uma mística, nem uma utopia, nem uma Weltanschauung (11). Ao nível do vivido, pelo menos, não se escapa ao risco ideológico que paira sempre sobre nossas cabeças qual moderna espada de Dâmocles.

### 3.3 – O risco ideológico das práticas "Psi"

O que é mais questionado são as práticas psicológicas, isto é, esse conjunto heterogêneo de atividades organizadas, reguladas por um sistema de normas e inscritas num conjunto de aparelhos institucionais.

Atrás de práticas aparentemente humanistas, o psicólogo pode desempenhar funções alheias à sua vontade

, mas perfeitamente sintonizadas com a lógica do sistema capitalista. Em outras palavras, o saber psicológico produzido parece nos apresentar um modelo de homem que responde à necessidade de adaptação do comportamento dos indivíduos. As práticas parecem tornar a psicologia uma das pontes privilegiadas para reconduzir os desviantes ao mundo "normal" da integração e do conformismo social.

As funções ideológicas, portanto, desempenhadas pela psicologia são de natureza prática (adaptação) e teórica (explicação). "Enquanto redutora de conflitos, a psicologia tende sempre a exercer sua função em proveito da norma, em favor da estrutura que impõe o comportamento. Porque o desvio não pode ocorrer. Se ocorrer, a prática psicológica se apressa em integrar os que se desviam" (19).

Sempre podemos objetar que estas críticas seriam procedentes somente com relação a uma "má" psicologia ou a uma "má" psicanálise. Seria necessário distinguir entre o que elas são ou deveriam ser (ciência) e o que elas podem se tornar (ideologia).

Desta maneira o espaço "psi" se dividiria em dois. De um lado os profissionais "psi" que usam as ferramentas teórico-técnicas como meio e instrumento para que o sujeito emergja na sua singularidade e originalidade; do outro os que visariam atender mais a uma demanda social (e às vezes pessoal) de adaptação e normatividade. Os primeiros seriam científicos e corretos, os segundos ideológicos e questionáveis.

Acontece, porém, que a cisão da demanda em "boa demanda de singularidade" e "má demanda de adaptação" deixa de perceber um outro problema complexo: admitindo-se que haja realmente uma cultura psicanalítica instalada no Brasil, a demanda de singularização pela Psicanálise é, com espantosa frequência, nada mais, nada menos que uma demanda de adaptação a uma cultura que opera regida pelos cânones do individualismo psicológico".(7)

### 3.4 – O risco do charlatanismo

Aqui no Brasil vem surgindo ultimamente uma variedade de práticas psicológicas alternativas que levaram o Conselho Federal de Psicologia, algum tempo atrás, a lançar um manifesto de alerta à população contra o perigo de charlatanismo.

Como reação, alguns psicólogos questionaram um certo patrulhamento ideológico que se escondia por trás de uma aparente preocupação científica. Surgiu um outro alerta, desta vez aos psicólogos, cujo slogan foi: "fiscalização sim, policiamento não".

Em nome de uma ética profissional ou de uma concepção menos cientificista do que seja "ciência" psicológica, cada grupo defende seus pontos de vista num diálogo que, até o presente momento, nos parece franco e democrático.

No último número do jornal oficial de Conselho Federal de Psicologia, a presidente da Câmara de Orientação e Fiscalização do CFP afirma que ainda não



chegou o momento para uma definição maniqueísta entre uma boa (científica) e uma má (ideológica) psicologia. Escreve: "... mesmo sabendo a premência em fornecer orientações às demandas que nos chegam, compartilhando as ansiedades de ainda não termos estas respostas, a cautela, neste momento, parece-nos a postura mais adequada" (Cfr. Jornal do Federal, Ano VII, n.34, ag. 1993).

À pergunta inicial se ainda há lugar para Ética no mundo de hoje, a resposta é certamente positiva quanto ao mundo "psi". Existe, sim, uma multiplicidade de discursos éticos os quais evidenciam a preocupação legítima e sadia de não deixar-se manipular pelo papel ou os papéis que a sociedade quer destinar-lhes.

A pergunta que nos colocamos agora é invertida: há lugar no espaço ético para o mundo "psi"? Em outros termos, a reflexão ética é receptiva às contribuições do saber "psi"?

#### **4. O Discurso "psi" no espaço ético**

##### **4.1 – As contribuições do saber "psi"**

Como vimos na primeira parte, a reflexão crítica sobre a moral é uma das áreas clássicas da reflexão filosófica, o que não quer dizer que o discurso competente sobre ética seja apenas dos profissionais de filosofia, mas é um fato que a ética é ainda considerada um reduto da filosofia.

A Ciência moderna sente-se estrangeira no mundo do "dever ser". Seu habitat natural é o mundo do ser, melhor, do aparecer, dos fenômenos. Sente-se à vontade, portanto, para "explicar" até o próprio fenômeno moral.

Na realidade toda moral não passa de uma ideologia, um conjunto de idéias, normas, valores que orienta e determina o que o indivíduo deve saber, sentir, fazer. Atrás de uma pretensa universalidade do pensar, do sentir e do agir se escondem interesses de um determinado grupo social hegemônico.

Todas as ciências, portanto, na medida em que contribuem para desmascarar as ilusões, os pretensos saberes, os falsos consolos, são as grandes aliadas da Ética. Possibilitam um questionamento fundamentado nas normas que regulam uma determinada convivência social, uma sua relativização e apontam para a exigência de normas novas, mais satisfatórias. Entre as Ciências Humanas, a contribuição "psi" é fundamental.

Para que qualquer conduta do ser humano possa entrar na esfera da moralidade é necessária a garantia de um mínimo de consciência e de liberdade. Somente assim, os que são chamados apenas de atos do homem, destituídos de consciência, de liberdade e, portanto, de responsabilidade, se tornam atos "humanos", morais.

É verdade que já nascemos num ethos, numa sociedade que já se deu um horizonte teórico e prático (cultura) a partir do qual vai tentando interpretar e transformar o mundo.

É verdade, também, que os indivíduos empíricos são educados e moldados por esse ethos, mas somente nos tornamos sujeitos éticos quando internalizamos consciente e livremente os usos e costumes da sociedade a que pertencemos e quando somos capazes de transformar nossas "práticas" – ações rotineiras, robotizadas – numa "praxis", numa ação criadora de novos usos e costumes.

Ora o saber "psi", ao tentar desvendar o mistério desta realidade interior que se chamou de alma, mente, consciência, psiquismo, ao identificar as leis que regulam nossas motivações internas, nossos determinismos inconscientes, os processos de formação de atitudes, a gênese da consciência moral, etc..., tem uma importante contribuição a dar para a filosofia moral.

#### 4.2 – Os desafios "psi" à reflexão ética

O problema é que, às vezes, em nome de um rígido determinismo psíquico (Psicanálise) ou de condicionamento (Behaviorismo), o saber "psi" simplesmente implode todo o sistema ético, visto que ele gravita na órbita da estrela mor da ética que é a liberdade. Se, de fato, o homem não é livre e a liberdade não passa de um mito, o nome bonito que damos à ignorância das causas ocultas que determinam nosso comportamento, o discurso ético não passa de um discurso retórico e vazio. Melhor calar-se. (29)

A reflexão ética, daqui para frente, não pode ignorar olímpicamente esses dados. Talvez tenhamos que rever nossa concepção de liberdade. Provavelmente uma

avaliação narcísica de si mesmo levou o homem a supervalorizar a sua liberdade como um dado pacífico e certo. Aprendemos, porém, graças também à descoberta destes outros determinismos psíquicos, que a liberdade é uma dura tarefa. Ser livre é tornar-se livre. O primeiro passo é tomar consciência de nossa falta de liberdade e, portanto, moral, para nos tornarmos sujeitos livres e verdadeiramente éticos.

O segundo desafio à filosofia moral é lançado pela Psicanálise ao definir o homem como ser de desejo.

Aprendemos com o cristianismo e com a tradição ética do Ocidente que os atos humanos somente entram na ordem da moralidade quando conscientes, voluntários e submetidos ao império da razão. O prazer sensual e, entre eles o sexual, somente será legítimo se passar pela censura da reta razão. Muitas vezes deve ser evitado, censurado e até sacrificado em vista de um bem superior (o da sociedade) ou futuro (a salvação da própria alma).

Contrariando esta longa tradição ética do Ocidente que remonta aos filósofos clássicos da antiga Grécia, a Psicanálise parece propor e exigir uma ética nova fundada no "desejo". É um paradoxo e um escândalo para os ouvidos filosóficos. Como fundar uma ética sobre atos que não possuem a garantia da plena consciência e do deliberado consenso por originarem-se das profundezas do nosso inconsciente e da força coercitiva do determinismo psíquico? A Psicanálise estaria propondo uma revolução ética ou seria a fiadora intelectual de uma anarquia moral, de uma permissividade total, do individualismo burguês?

Não é nosso objetivo específico debater a ética da psicanálise; apenas lembrar que vai ser impossível fazer ética, daqui para frente, escamoteando as provocações da Psicanálise.

Freud não foi um profeta. Não possui uma receita moral alternativa já pronta e acabada para oferecer como remédio ao “mal-estar na civilização”. É um pensador, alguém que nos ajudou a desmascarar as ilusões da consciência e a ficar prevenidos contra suas armadilhas. A Psicanálise exige uma ética nova, sim, mas aberta, a ser construída. É uma revolução indireta que aponta para uma tríplice dificuldade e um tríplice ideal. A dificuldade de conhecer-se em profundidade, de torna-se adulto e de amar de um amor não neurótico. A ética do desejo é tão ou mais exigente do que a ética da razão. Aponta para o ideal da autenticidade (ser si mesmo), da não dependência (liberdade) e da capacidade plena de amar (14).

### Conclusão

Penso que um diálogo entre o discurso ético filosófico e o discurso ético psicanalítico será, sem dúvida, estimulante, enriquecedor e até necessário. Um desafio difícil tanto para o saber “phi”, quanto para o saber “psi” será inventar um novo ethos para o homem e o mundo de hoje, inventar uma nova morada que não seja muito aberta a tal ponto de nos deixar inseguros, nem apertada demais a ponto de nos sentirmos prisioneiros dentro dela. Proporcionar aos homens o máximo de liberdade para realizar seus próprios desejos com o mínimo de normas e o

máximo de segurança e eficiência comunitária é o grande desafio que até agora nenhuma sociedade conseguiu vencer satisfatoriamente.

### Referências Bibliográficas

- (1) AA.VV. – A ética da formação ou a formação ética. In *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, out. 1993, n.16, pp.46-51.
- (2) ARISTÓTELES – *Ética a Nicômaco*. Vol.II. S. Paulo, Abril Cultural, 1979.
- (3) BACHA, – A Ética no espaço psicanalítico. In *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, out. 1993, n.16, pp.59-60.
- (4) CARUSO, J.A. – *Psicanálise e Sociedade: da crítica da ideologia à auto-crítica*. In *Psicanálise e Sociedade*. Lisboa, Ed. Presença, 1970, pp.109-127.
- (5) DRAWIN, C.R. – Ética e Modernidade. In *Psicologia, Ciência e Profissão*. n.1.2.3.4/91, p.4-13.
- (6) EVANGELISTA, W. – A Ética e o político: desejo e democracia. In *Estudos de Psicanálise*. Ano XX, n.13.
- (7) FIGUEIRA, S.A. – Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica. In *Religião e Sociedade*. 12, 1985, pp.72-90.

- (8) ——— — *Nos bastidores da Psicanálise: sobre política, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- (9) FREIRE, J.C. — Narcisismo em Tempos Sombrios. Ed. Taurus.
- (10) FREIRE, J.C. — Ética e Psicologia. In *Educação em Debate*. Fortaleza 12 (17/18): 45-66, jun/dez 1989.
- (11) FREUD, S. — *A questão de uma Weltanschauung*. In *Obras Completas*, Ed. Standard, Vol. XXII, pp.193ss.
- (12) ——— — *O mal-estar na Civilização*. In *Obras Completas*, Ed. Standard, Vol. XXI.
- (13) FROMM, E. — Por que a Psicanálise foi transformada de uma teoria radical em uma teoria de adaptação. In *Grandeza e limitações do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980 .
- (14) ——— — O psicanalista como médico da alma. In *Psicanálise e Religião*. Lisboa, Ed. Minotauro s/d, pp.71-116.
- (15) FURTADO, A.M. - Psicanálise: eficácia e ética. In *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, out. 1993, n.16, pp.38-42.

- (16) GABBI Jr., O.F. — A origem da moral em psicanálise. In *Cadernos de História de Filosofia da Ciência*. Campinas, Série 3, V. 1, n.2. jul/dez 1991, pp.129-168.
- (17) GARCIA-ROZA, L.A. — *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- (18) HECK, J.N. — A polêmica de Maruse com Freud em torno da felicidade. In *Rev. SÍNTESE*, Vol. XX, n.60, jan/mar 1993, pp.51-65.
- (19) JAPIASSU, H. — *A Psicologia dos psicólogos*. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- (20) LACAN, J. — *Ética da Psicanálise: Seminário VII*. Rio de Janeiro Zahar, 1988.
- (21) LAIA, S. — A propósito da ética, da psicologia e da psicanálise. In *Psicologia, Ciência e Profissão*, n. 1,2,3,4/ 91, pp.14-19.
- (22) MARTINS, F. - Psicologia Clínica e Ética. In *Psicologia, Ciência e Profissão*, Ano 9, n.2/89, pp.12-15.
- (23) MATTEO, V. Di — Consciência e Libertação em Psicanálise. In *Perspectiva Filosófica*, Vol. I, n. 2, jan-jun 1993, pp. 559-575.

- (24) MENESES, P. – Ética e Cultura. In *Rev. SÍNTESE*, V. XVIII, n.55, out/dez 1991, pp.559-575.
- (25) NETO, G.A.F. – A Ética da Psicanálise. In *14 Conferências sobre Lacan*. S. Paulo, Ed. Escuta, 1989.
- (26) NEUMANN, E. – *Psicologia profunda e nova Ética*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- (27) NOVAES, A. (org.) – *Ética*. S. Paulo, Comp. das Letras, 1992.
- (28) ROUANET, S.P. – Dilemas da moral iluminista. In *NOVAES, A. (Org.) – Ética*. S. Paulo, Comp. das Letras, 1992, pp.149-162.
- (29) SKINNER, B.F. - *Walden II: uma sociedade do futuro*. S. Paulo, EPU, 1975.
- (30) VAZ, H.C. - *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. S. Paulo, Ed. Loyola, 1988.
- (31) ———— – Ética e Civilização. In *Rev. SÍNTESE*, V.XVII, n.49 abr/jun 1990, p.5-14.
- (32) VILLALBA, I.T. - Ética da Psicanálise: uma direção ao real. In *Conferências sobre Lacan*. S. Paulo, Escuta, 1989.

- (33) VIVIANI, A.L. – Comentário sobre a direção da cura. In *14 Conferências sobre Lacan*. S. Paulo, 1989.